

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 6 | Nº 17 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4741435>



SIMPLES E SIMPLICIDADE: DESAFIO E DUALIDADE

Clayton Alexandre Zocarato¹

Resumo

Esse texto surgiu das discussões acerca de um Projeto Filantrópico chamado Escola da Vida, que pretende discutir temas filosóficos do cotidiano das pessoas com um cânone voltado para discussão teórica e reflexões acerca do cotidiano. A Simplicidade foi um dos primeiros temas escolhidos, dado as dificuldades em se entender “que ser simples” é uma coisa e “simplicidade é outra”. Perante os dilemas de compreensão cultural, dentro de um espaço globalizado e frenético de informação, a complexidade em engendrar um cunho propedêutico que possa realizar artimanhas, quanto à compreensão do “homem moderno” se torna um imenso desafio em relacionar uma análise de cernis da simplicidade em termos de evocar uma compreensão do comportamento humano de maneira unilateral. O ensaio discute a desconstrução dos sentidos a partir de uma multiplicidade de oportunidades de entendimento acerca do “homem – moderno”, bem como sua vida foi sendo lapidada através do uso do aprimoramento da Arte e da Filosofia em seus antagônicos modos de existência.

Palavras chave: Arte; Comportamento Humano; Filosofia.

Abstract

This text emerged from discussions about a Philanthropic Project called School of Life, which aims to discuss philosophical themes in people's daily lives with a canon geared towards theoretical discussion and reflections on everyday life. Simplicity was one of the first themes chosen, given the difficulties in understanding “that being simple” is one thing and “simplicity is another”. Faced with the dilemmas of cultural understanding, within a globalized and frantic space of information, the complexity in engendering a propaedeutic nature that can perform tricks, as the understanding of the “modern man” becomes an immense challenge in relating a core analysis of simplicity in terms of evoking an understanding of human behavior in a unilateral way. This essay discusses the deconstruction of the senses taking for granted a multiplicity of opportunities for understanding about the “modern man” as well as how his life has been polished through the use of improvement of Art and Philosophy in their antagonistic ways of existence.

Keywords: Art; Human Behavior; Philosophy.

A Simplicidade é uma camada hermenêutica profunda, na consciência da questão do agir, eticamente, diante a humanidade, que perdeu a noção de valorização do próximo.

Em uma concepção de juízo kantiana, está ela não somente no senso-comum em se fazer simples, e sim dentro de um Direito inconsciente, que o relativismo cultural, está dentro da uniformidade, a prostramos de maneira respeitosa perante o “diferente”.

Dentro do “intervalo platônico” ocorre a “coisa”, que vai criando forma, e que dentro de habilidades mentais, modifica seu biológico tanto para o bem quanto para o mal (PLATÃO, 2005).

Comer bem ou se alimentar conforme o tempo disponível?

¹ Graduado em História e Filosofia. Especialista pós-graduado em Ensino de Filosofia, bem como em Psicopedagogia Institucional. Email para contato: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br



As modificações estéticas geram preconceitos, discriminações, bullying, em busca de um padrão perfeito de estilismo corporal, e a uma aclamação da beleza mesquinha.

Umberto Eco (2010), “elencou, que o riso, seria a deformação perante a perfeição do divino”, e de certa maneira das simplicidades, em serem elementos únicos de comorbidades sociobiológicas, exclusivistas.

Em uma refeição diária vemos as peculiaridades, de um etnocentrismo gastronômico hegemônico na não valorização, de fatores apofânticos elementares que fazem a refeição algo de simples, mas ao mesmo tempo completo.

Temos tantas polivalências alimentares discriminadoras, que engrandecem, um biótipo doente afetado pelo esbanjamento predatório.

Consome-se errado e pensa-se mais errado ainda.

A ditadura da boa forma não perdoa alienados do eidos, de uma luta de classes, que elimina o simples, da união com o abastado, deixando claro, para ele se colocar no seu devido lugar, e que o vulgar é algo taxativo, testemunhando um viés cultural capitalista, que reduz o psicológico de muitas pessoas, para a louvação da inveja corporal latente, provocante e preconceituosa.

Diógenes de Sínope (2009), “via no cinismo”, uma forma de luta contra a hipocrisia da polis, mas que também possuía a carência da higiene corporal, e seus odores provavelmente não seria dos melhores também, gerando a exclusão pelos sentidos.

Patrick Suskind (1987), em sua obra “O Perfume”, com o seu personagem central Grenouille, que contendo geneticamente uma anomalia que não faz ter o odor dos recém-nascidos, se transforma em sádico assassino usando dos mais diferentes estratos com bons cheiros, para seduzir e eliminar suas vítimas, um exemplo obscuro que a simplicidade dos sentidos vitais, quando ocorre falhas em seu funcionamento, pode gerar traumas profundos, no emotivismo do indivíduo.

Assim como a alimentação, o olfato não é algo, lá muito simples, pois discriminações são geradas abruptamente e indiretamente, pela vitalidade de cérebros, que conseguem distinguir o que está ao seu redor.

“O afastamento dos leprosos, durante o tempo de Cristo” (BÍBLIA SAGRADA, 2005), do convívio social, é um sinal de que a simplicidade não está na aparência, e sim em se colocar no lugar de todas as pessoas, dentro de uma igualdade tanto de tratamento, como de bonança de benção diante o Filho do Homem.

A causa primeira, para uma arregimentação do sentido de simplicidade, é ser simples, e isso não tem nada de simples. Podemos exemplificar isso diante o surgimento de doutrinas espirituais e sociais



despojadas da questão da acumulação de bens e poderes, não ficando somente ao cabido de sociedades alternativas ou anarquistas.

Se Grenouille foi rejeitado por sua ausência de cheiro, e Cristo, executado por seus beneplácitos diante o arrojante Império Romano, uma epistemologia sobre a conduta moral a ser seguida está erguida dentro de um cânone de reaver a história quanto a sua composição moral.

Simplicidade não é um caminho de perfeição e sim em tolerar, mas a própria tolerância já é prenuncio de que algo está errado.

“Cristo não tolerou pessoas que faziam da casa de seu pai uma casa de lucro, perdeu as estribeiras” (BÍBLIA SAGRADA, 2005). Em termos lógicos, Deus expulsou Lúcifer do paraíso, e condenando as paixões da alma, não foi ético diante o ultraje, de sua luminosidade de perfeição, deixando a monstruosidade do “anjo de luz”, em uma escuridão sem limites.

Diante a forma simples, de se pecar, o Demônio, se aproveita para desviar os homens de sua bondade, deixando um sentimento de luta incessante entre o certo e o errado.

Hitler declarou, “que a massa de miseráveis, em sua simplicidade, seria o enredo perfeito para o fortalecimento do espaço vital germânico”(ARENDT, 1993), e na simplicidade ao uso do dom das “palavras certas”, pode se caminhar para uma complexidade, da arquitetura do intolerável como algo normal.

Santo Agostinho (2008), já também “previa que o amor, já não é algo simples, porque ele escolhe os mais sábios para seduzir”, e São Tomás de Aquino (2008), organizou, que “a vida sem o amor, seria normal, mas monótona”.

O amor dentro das paixões, é uma guirlanda que unge, fazendo uma auto - análise, de que diante a simplicidade em desejar, o homem tem o medo de se entregar a profundidade dos sentimentos mais puros e verdadeiros.

Não há meandros mentais para se colocar a ética da simplicidade de maneira homogênea.

Se para os relacionamentos, está um corpo para ser consumido, e usado dentro de todas as maneiras burocrático-sexuais que são outorgadas pela Lei do Matrimônio, uma selvageria destinada, ao simples ato de reprodução da espécie escamoteando o amor, mas precisando conter uma simplicidade, que temos em descartar aquele e aquela que não nos convém mais, na satisfação dos desejos carnis.

Enjoar é simples, descartar, precisa de simplicidade para se lidar.

Chega a conter um caminho de servidão psicótica, onde os valores possuem o reduconismo lingüístico do sim e não.

Grenouille (2012), não tinha fragrâncias do seu parto, mas deixou a herança existencial de como a inteligência pode não ter consciência, a uma igualdade entre aceitação e desqualificação, que seria



um paradoxo da simplicidade, pois Aristóteles em suas “categorias humanas” alertava para uma causa estranha mimética de minar o equilíbrio entre os homens, deixando-os cheios de vaidades, que elevam seus padrões de diferenças de movimentos questionadores.

Um movimento, que provoca a desqualificação entre a capacidade se ir além das vontades, e a ser dependente dos desejos.

Desejo e Poder fazem a escória de uma planificação, de noção mental, de que a maioria está estacionada na ontologia de procurar o seu “dasein”, no mundo exterior.

O cheiro do próximo, o corporal impecável, a mente cíclica, não há justiça nesse caso para os que estão abaixo da simplicidade em aclamar-se e aceitar-se, gerando um dilema ético, quanto individuação, que leva a divisão da simplicidade.

A variedade da natureza, diante e leviandade do homem. Traições são simples de surgir, e difíceis de entender.

Entre a língua falada, e a práxis de comportamentos que possam integrar uma boa aventura de tratamentos respeitosos entre as culturas, estão elementos semiológicos intrinsecamente feitos em atividades educacionais, que elegem a escravização da liberdade em nome de um normativo, suplemento psicossocial, de que temos que sermos simples sempre.

Simples, enquanto sou seduzido, pelo olhar do decote da mulher que passa na rua assobiando e dizendo, escárnios libidinosos, e digo depois dentro de reuniões formais, que toda a mulher deve ser respeitada.

Simples quando procuro uma alimentação saudável, mas diante a preguiça, peço uma fast food, e contamina meu organismo com substâncias cancerígenas, e que depois posso a vim ocupar um quarto de leito de hospital público, sendo fruto de minha simplicidade somente discursiva, e tirando a vaga de alguém que precise, caso ocorra uma catástrofe.

Para uma política da simplicidade, se faz jus, regredir para as limitações que cada um carrega, e assim fazer das falhas, uma perfeição de atitudes que possam engrandecer a purificação dos neurônios, e também um ato de fé em não restritamente ao cunho religioso, sair para o encontro de uma ética, que possa realizar a projeção de empatia do cuidar, simples e objetivo, valorizando a amizade, aquém de diretrizes, que venham, a conter um resultado semântico de vaidade e introjeções egoístas, quanto a viver de aparência, valorizando sintagmas, de um vazio intelectual, ao qual a ignorância seja colocada como uma personagem central, de ornamentar o fluxo sentimental, na crueldade eugênica de colocar um modelo psicológico de imaginação, sem uma clara doxa.



A crença em ser simples, passa por um ar filosófico de tentações, quanto a conter simplicidade, dentro de fatores nutricionais, a propaganda insistente, da vida “remoto”, elevando uma destruição de inteligências que consigam dizer “não”.

O não, tirando a privação de algo a ser oferecido, é um traçado psicológico que gera o crescimento tanto em grupo como pessoal, para que assim se concilie opiniões antagônicas, para uma subjetividade que não seja entorpecida, pelo politicamente correto, que muitas vezes significa estar a favor para não magoar o semelhante, mas que causa feridas internas, cheias de um elevado padrão depressivo, colocando uma psicossomática, medicamentosa e terapêutica, que poderia ser prevenida, como um fator em conter “voz” ativa diante as problemáticas da existência.

A revelação da verdade atrela a interpretação da limitação, e dizer “não”, não pode minar o sentido de cada um em particular, desenvolver sua percepção social e política, mas que perante o outro, leve para particularismos, que destruam laços de sentimentalismos profícuos, de apegos e apreços.

John Bowlby (2002), em sua “teoria do apego”, para um adoecimento em se citar, o momento de privação, que cada um vai passar ao longo da vida, gera uma idade mental, convalescente, e com um “eu”, banhado com desrespeito aos limites, e não progredindo para a simplicidade de tomar conta de si mesmo.

Isso quanto a lutar para um diegético prognóstico intelectual, de ser “um reizinho”, em querer todas as suas necessidades satisfeitas, carregando uma herança histórica, de massacres e totalitarismos, como já, citado o caso do Nazismo, onde líderes, faziam um extermínio, inalando frustrações pessoais, que são transportadas, para sua maneira de governar e portar perante toda a sua sociedade civil, como exemplo “o Baby Doc (Jean Claude Duvalier), herdeiro direto do Papa Doc (François Duvalier) , no Haiti, que ao simples fato do culto a sua personalidade, elevou para uma simplicidade de destruição para aqueles que não se rebaixassem as suas excentricidades” (GALEANO, 1983).

O poder não é simples, mas tem que ter simplicidade para conter a hombridade equilibrista do “sujeito”, que possa atender as expectativas, na desconstrução que se tem em pronunciar e prenunciar ser “simples”.

Espinosa (1987), em seu “Tratado Político”, coloca que o poder tem que estar centrado na figura de uma única pessoa, mas tendo o discernimento que para isso, a natureza foi responsável de proporcionar as habilidades necessárias, para ocupação de um cargo com tamanha serventia para usufruir das mediações eloquentes do poder.

Seja na estética, na emoção, na razão, na argumentação, no pessoal, no interpessoal, no sociológico, no psicológico, no histórico, no antropológico, no religioso, no teísmo, no agnosticismo, a



simplicidade ela não é naturalista, e sim é uma arquitetura educacional, que exige probos espirituais, tanto para sua prática como para a disseminação e ensino.

A simplicidade, é um desafio dos mais complexos nos compêndios bioantropológicos, para serem difundidos e implementados de maneira clara, e contendo respeito por todos, porém nem tudo é simples de ser explicado e extenuado, e assimilado.

A traição é simples, um movimento em falso do corpo, e podemos conter torções, rompimentos de tendões, dores musculares, estiramentos, ou seja, até a parte biomecânica do esqueleto, pode nos pregar peças, não sendo simples a recuperação, exigindo a simplicidade para as suas profilaxias, e cuidados.

Como diria uma música do grupo Cidade Negra (1996), “Simples Viagem”, os sentimentos são fáceis de surgirem, mas difíceis de interpretar, em suma simplicidade é o caminho do conhecimento a cada momento, e o simples é saber como usar a sabedoria de maneira mais sensata possível, unindo coração e mente, em um mesmo ângulo de atuação e recepção espiritual e intelectual.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. **Confissões**. São Paulo: Editora Vozes, 2008.
- ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.
- AQUINO, S. T. **Suma Teológica**. São Paulo: Editora Vozes, 2008.
- ARISTÓTELES. **A Arte Poética**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- ARISTÓTELES. **Categorias**. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.
- BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.
- BOWLBY, J. **Teoria do Apego**, volume I. São Paulo: Editora Martins Fones, 2002.
- CIDADE NEGRA. **O Erê** (CD). Rio de Janeiro: Epic Records, 1996.
- ECO, U. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- ESPINOSA, B. **Tratado Político**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.
- GAARDER, J. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.
- GALEANO, E. **As Veias Abertas da América Latina**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.
- KANT, I. **Crítica a Razão Pura**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.
- SUSKIND, P. **O Perfurme**. São Paulo: Editora Klick, 1987.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 6 | Nº 17 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima